

IFAC
Instituto de Filosofia,
Artes e Cultura



PROE 
Pró-reitoria de Extensão da UFOP



Coordenação e apresentação:
Professor Edésio de Lara Melo

Bolsistas:
Aléxia Belintani Mappa e Gilcilene Coutinho Amorim

Programa de espetáculo

UFOP Convida

GEMC

GRUPO DE ESTUDOS EM MÚSICA CONTEMPORÂNEA

GEMC

GRUPO DE ESTUDOS EM MÚSICA CONTEMPORÂNEA



Foto: Rafael Fernandes Miranda

Victor Fernandes: **guitarra**

Geovana de Andrade Freire: **cravo, piano, teclado, sino tibetano**

Guilherme Paoliello: **violão, ukulele**

Felipe Malaquias: **piano, teclado, cravo, escaleta**

Dayvid Lucyan Aguiar de Melo: **xilofone, metalofone, sino tibetano**

Direção cênica: Wilson Oliveira

Agradecimentos: Emílio Castilho Nunes, Matheus Ferro, Lucília Borges, Victor Vale, Wilson Oliveira, Paula Gallo, Paulo Henrique Silveira, Edésio Lara, Aline Kelly Guimarães e Silva

Programa

28 de maio de 2015

JOHN CAGE

4'33"
Dream

EARLE BROWN

*December
1952*

TERRY RILEY

In C

O Grupo de Estudos em Música Contemporânea é um coletivo formado por alunos, ex-alunos, professores e colaboradores que compartilham o interesse em estudar um tipo de música composta com objetivos de experimentação e expansão da linguagem musical. Agora institucionalizado como projeto de extensão, vinculado ao Programa de Iniciação Musical, o grupo pretende ampliar a discussão, dentro e fora da universidade, acerca dos problemas da criação e da recepção da música contemporânea.

O termo “música contemporânea” - bem como os correlatos “música nova”, “música de vanguarda” ou “experimental” - requer alguma elucidação. Trata-se de um conceito que é mais estético do que temporal. Tem a ver com a intenção de propor novas formas de compreender a música. Está ligado, sobretudo, à experiência de um objeto cultural incomum, e que, de alguma maneira, seja contrapondo aos modos dominantes de fazer e ouvir música.

O interesse pelas obras de arte contemporâneas reside mais no que elas suscitam ou provocam que em seus aspectos técnicos ou formais. É o que acontece nas peças apresentadas neste concerto, que colocam em evidência (às vezes de maneira radical), determinados elementos da linguagem musical.

Em 4'33", John Cage põe o silêncio em primeiríssimo plano na composição. Estreada em Woodstock em 1952, a peça é até hoje cercada de controvérsias, mas tanto admiradores quanto críticos con-

cordam que, a partir dela, já não é mais tão simples definir o que seja música.

Também de John Cage, *Dream* é uma peça composta originalmente para piano solo em 1948. As notas flutuam num tempo livre, sempre em pianíssimo, despojadas de complexidade. É como se as ressonâncias sussurrantes, monótonas porém imprevisíveis, sempre tendessem ao silêncio. O arranjo aqui apresentado explora essas ressonâncias e “coloriza”, com os timbres de cravo, piano, teclado, violão e guitarra, a textura monocromática da peça.

Pertencente ao grupo de compositores de vanguarda atuante em Nova York nas décadas de 1950 e 60, do qual John Cage fazia parte, Earle Brown, em December 1952, coloca em questão a notação musical. Abolindo radicalmente os signos musicais convencionais, a partitura estimula o intérprete a participar ativamente do ato criativo. Do mesmo ano de composição de 4'33" é uma das partituras gráficas mais conhecidas da música contemporânea.

Finalmente, *In C*, de Terry Riley, composta em 1964, leva a um ponto extremo um aspecto então negligenciado pela música ocidental: a repetição. 52 padrões melódicos são repetidos livremente, por qualquer formação instrumental, sobre um dó ostensivamente reiterado. Esta peça é geralmente considerada inaugural do movimento da música minimalista.

Guilherme Paoliello